VIDA

DO

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT

PRINCIPE DOS POETAS PORTUGUEZES
DO SECULO XIX.

SEGUIDO DE UM ARTIGO

Á MORTE DO MESMO ILLUSTRE POETA

POR

TORRES MANGAS.

Vende-se na Livraria de Mattos Junior,
rua Augusta, n.º 121.

LISBOA.
IMPRENSA DE FRANCISCO XAVIER DE SOUZA,
Rua da Condessa, n.° 19.

1854.

A' Dignissima Commissão, installada para promover a homenagem d'um monumento, á memoria do Nobilissimo Poeta Almeida Garrett.

Offerece

MANOEL DE TORRES MANGAS.

PROLOGO.

Saudades gosto amargo de infelizes.
Garrett.

Escrevemos este opusculo, levados pelo impulso saudoso, que nos faz chorar eternamente Almeida Garrett: elle foi o nosso mestre, assim como o foi de quasi todos os jovens escriptores de Portugal.

Choramos o homem virtuoso, que no desempenho da sua missão e dos seus deveres, satisfez cabalmente, foi um modêlo.

Choramos o imminente letterato, cujo estylo era inimitavel; esse estylo, é o que herdámos delle! e nisto diz-se tudo.... — *o estylo é o homem.*

É pobre o tributo, porque pobre é o tributario, mas é lhano.

M. de Torres Mangas.

VIDA

D'ALMEIDA GARRETT.

....Foi um coração como depois
de Camões não viu Portugal. Quanto
elle sentia e chorava o passado!
quanto amou o presente! quanto
desejou o futuro!

R. da S.

I.

PRIMEIROS ANNOS.

O VISCONDE d'Almeida Garrett (João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett), nasceu na cidade do Porto a 4 de fevereiro de 1802.

Foram seus pais Antonio Bernardo da Silva Garrett, fidalgo da casa real, e sellador mór da alfandega; e D. Maria Augusta d'Almeida Leitão.

O pai do muito illustre senhor Garrett era oriundo dos Açores, e descendente d'uma familia irlandeza.

O senhor Garrett teve uma educação esmerada, e sendo ainda mui joven, sabia bem o latim e o hespanhol.

Pela invasão dos francezes em 1809, emigrou o joven talentoso com a sua respeitavel familia para a ilha Terceira.

Na ilha recebeu proveitosas lições de seu tio paterno D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, bispo resignatario de Malaca, e depois bispo de Angra.

O joven Garrett tinha apenas treze annos, e já possuia perfeito conhecimento dos auctores classicos da antiguidade, e dos nossos melhores auctores, assim como dos castelhanos, francezes, e italianos.

Muito depois aprendeu o inglez e o alemão: destinado por seu tio para o estado ecclesiastico, teve um beneficio na ordem de Christo: em 1816 entrou na universidade de Coimbra.

Em Coimbra renunciou o beneficio, e matriculou-se na faculdade de leis: no 4.° anno deu-se a conhecer como poeta por uma poesia á morte do doutor Fortuna.

Em 1818, escreveu a tragedia *Xerxes*, que foi representada no theatro academico:

no 5.° e ultimo anno da sua faculdade, escreveu a tragedia *Lucrecia*, e logo em seguida a *Merope*, a qual lhe mereceu grande credito.

Em 1820, no primeiro e grande movimento constitucional portuguez, o joven poeta mostrou o seu assentimento e jubilo cantando uma ode á liberdade: em 1821, publicou o *Retrato de Venus*, lindo poemeto.

II.

VIDA PUBLICA.

Em 1822 formou-se em leis: foi nomeado official da secretaria do reino: compoz o *Catão*.

No anno de 1823, emigrou para Inglaterra; ali compoz o seu *Tractado de educação*, e o poema *Magriço*, que se perdeu no rio Douro.

Em 1824, passou ao Havre, e ali se empregou como caixeiro de commercio; e foi no Havre que compoz a *D. Branca*, e parte do *Camões*, dois poemas que o im-

mortalisam: compoz tambem a tragedia o *Infante Santo*, que se perdeu.

Em 1826, publicou um bello artigo politico *A Europa e a America*, que em 1830 se refundiu e publicou com o titulo *Portugal na balança da Europa*: em Pariz coordenou e primeiro volume do *Parnaso Lusitano*, sendo de grande merito o prologo, ou memoria de litteratura portugueza.

Jurada a carta constitucional foi o principal redactôr do *Portuguez*, jornal politico muito acreditado: nesse tempo redigiu tambem o *Chronista*, jornal de litteratura: no primeiro combate eleitoral, publicou a *Guia dos eleitores*; e por intrigas de partido esteve preso tres mezes.

No anno de 1828, tornou a expatriar-se; trabalhou em Londres, no gabinete do duque de Palmella: na emigração publicou a *Adozinda*, rimance, e a *Lyra de João Minimo*.

Embarcou na expedicção dos liberaes portuguezes, sendo um dos primeiros a alistar-se como simples soldado n'um batalhão de caçadores; depois passou para o batalhão academico.

No Porto sua patria, foi encarregado de organizar a secretaria do reino, e houve-se na direcção d'aquelle delicado trabalho com tanta capacidade, que mereceu e obteve os publicos elogios do imperador.

Em 1834, foi nomeado encarregado de negocios em Bruxellas; depois passou a ministro residente na Dinamarca: El-Rei Leopoldo, o condecorou com a cruz de Leopoldo.

Voltando a Portugal em 1836, redigiu o *Portuguez Constitucional*, famoso periodico: foi eleito deputado pelo Minho, e pelos Açores, no congresso constituinte: compoz o bello drama *Auto de Gil Vicente*, com que restaurou o theatro Nacional: foi então nomeado inspector dos theatros: foi nessa época brilhante para a arte dramatica do nosso paiz, que desabrochou a mór parte dos nossos bons auctores dramaticos contemporaneos, a mocidade correu espontanea a enfileirar-se sob a bandeira de Garrett! sob o mando de tão habil general da nossa litteratura. Cada mancebo de talento, foi um discipulo de Gar-

rett, tornou-se uma esperança da patria ao sopro divino do grande mestre, e pai!

Em 1838, tornou a ser deputado pelos Açores; foi nomeado chronista mór do reino, e abriu um curso de historia portugueza, o qual foi concorrido por homens imminentes, e distinctos mancebos.

Compoz o *Frei Luiz de Souza*, a melhor obra do seu theatro, e modêlo da tragedia moderna.

Foi encarregado de negociações com os Estados-Unidos: foi juiz do tribunal do commercio: foi nomeado ministro plenipotenciario em França, para sustentar a nossa dignidade litteraria, segundo a convenção de propriedade litteraria de 12 d'Abril de 1851. Foi nomeado ministro d'estado (da secretaria dos Negocios Estrangeiros); foi feito visconde, foi feito digno par.

Além das obras que apontámos, compoz as seguintes: *Alfageme de Santarem ou a espada do Condestavel* (drama), *D. Filippa de Vilhena* — *A sobrinha do marquez* — *Fallar verdade a mentir* — etc. (comedias), *Arco de Sant'Anna* — *Viagens na minha terra* (romances), *As folhas ca-*

hidas (poesias), *Elogio funebre* á morte do patriarcha da liberdade Manoel Fernandes Thomaz, etc. etc.

João Baptista d'Almeida Garrett — assim chamado como homem de letras — imminente litterato, consummado historiador, habil homem d'estado, profundo trovador, excelso poeta, magnifico orador, digno juiz, religioso sabio, grande homem em toda a amplitude, desceu á sepultura no dia 9 de dezembro de 1854.

Deixou uma filha de 14 annos.

No dia 11, teve logar, o seu funeral, sendo acompanhado â sua ultima morada, pela maior parte das nossas notabilidades governativas, aristocraticas, scientificas, militares, ecclesiasticas, parlamentares, litterarias, e populares.

Distinctos escriptores, amigos e discipulos do illustre finado, oraram junto á campa, merecendo especial menção entre essas provas d'estima e respeito ao grande poeta, os elegantes discursos dos srs. Rebello da Silva, e Tullio; e a poesia do sr. Mendes Leal: *Gloria e Saudade*, que foi recitada pelo sr. Palmeirim.

A imprensa periodica da capital, do Porto, etc., mostrou a sua magoa pela irreparavel pêrda nacional do maior poeta depois de Camões.

A poesia do sr. Francisco Gomes de Amorim, intitulada: *Garrett*, e dedicada ao sr. Alexandre Herculano, é um dos maiores monumentos que a amisade, e a admiração, póde elevar aos grandes genios: alfim o erudito collaborador do *Jardim Litterario*, o eximio auctor do *odio de raça*, o joven e sublime poeta, alcançou um grande nome; e bem merecido, porque não abandonou na hora da morte o seu protector e verdadeiro amigo Garrett; o sr. Amorim, foi grato, foi nobre, foi grande! a sua dedicação ao grande poeta nos ultimos momentos, immortalisou-o. Hoje o nome de Gomes de Amorim anda a par do de *Almeida Garrett*.

Advertencia.

Alguns trechos deste opusculo, são extrahidos e no resumo do *Braz Tizana*.

GARRETT

(TRIBUTO DE SAUDADE)

Ao Principe dos Poetas Portuguezes deste seculo.

Os grandes genios vivem sempre na historia.

I.

Garrett, principe da poesia portugueza dos nossos dias, chefe da moderna escolla litteraria do nosso paiz, restaurador do theatro nacional, distincto romancista lusitano já é do Céo.

A morte do excellente vate, do illustre Garrett, é uma perda irreparavel para Portugal: é o maior dos pezares para toda a nação.

Uma das maiores glorias do imminente poeta christão, do religioso auctor da D. Branca, foi o morrer abraçado á Cruz; foi o esperar a hora extrêma, com a crença, que domina em todas as suas excellentes obras; foi o penetrar no limiar da

eternidade! com a esperança em Deus, com a fé no Céo.

O divino cantor de *Camões*, foi grande na vida e grande na morte!

O sublime genio, não deixou a sublimidade! nem na hora do passamento.

Portuguezes! curvemo-nos, e choremos o grande poeta; pranteêmos

Garrett, vate soberano,
A gloria de Portugal!

II.

A ti que em paz repousas! eu te saudo... a ti fulgente facho de sabedoria da lusa terra no seculo XIX, eu te pranteio; a ti ó grão Garrett Cantor do grão Camões, rival do immortal Cantor dos *Lusiadas*, eu tributo o preito da dôr e da saudade, devido á realeza que te cercou, que mesmo na campa te dá existencia!.. que atravez dos seculos ha de reinar!

A poesia como a disse Ferreira:

« Sacro furor, que as mentes estimula;
Pintura, que palavras articula...... »

tu a comprehendeste, tu a possuiste — e com que magestade! —

O teu saber, foi, é, e hâde ser eternamente bem visivel; a tua vasta erudicção, sempre grande e variada, sempre portugueza e patriotica! será admirada em todos os seculos.

III.

João Baptista d'Almeida Garrett, principe dos poetas nacionaes dos nossos dias, é morto, fisicamente; moralmente, começou a viver: porque na morte do sabio começa a sua vida; porque o homem de genio sublime — como o grandiloquo auctor dramatico do *Frei Luiz de Souza* — quando morre é então que vive.

IV.

Possam estas humildes letras dimanadas do coração, servir d'algum lenitivo ás almas feridas pela dôr mais pungente, pela perenne saudade d'aquelle a quem em vida respeitámos, e na morte venera-

mos; orvalhando a memoria, não do *nobre* mas do POETA, com sinceras lagrimas.

Aqui deponho esta singela, flor porque ainda não olvidei, que

Garett, vate soberano,
A gloria de Portugal!
Com affecto mais que humano
Nos deu instrucção real!

11 de Dezembro de 1854.

T. M.

FIM.